

Etnofabulação e escritas coletivas: experiências de pensar e fazer junto no Coletivo Panelinha Audiovisual

Luz Mariana Blet¹

Éder dos Santos Braz²

Jeferson Vieira³

Resumo:

Este trabalho apresenta a experiência do Coletivo Panelinha Audiovisual, criado por discentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Desde 2023, o coletivo busca mobilizar a escrita antropológica para além do individualismo acadêmico, propondo uma criação epistemológica, estética e política que tensiona os limites da universidade e a reivindica como território de produção de conhecimento para corpos historicamente periféricos: pessoas pretas, mulheres, mães e LGBTQIA+.

Neste contexto, propomos a noção de etnofabulação, conceito em construção coletiva, criado a partir do curta *É preciso aprender a voltar para casa* (2024). A obra articula performance, corpo e imagem como estratégias para fabular memórias visuais enterradas, tensionando a própria possibilidade de narrar a experiência afro-diaspórica. A etnofabulação emerge como um caminho para fabular e reinscrever imagens e histórias que não se encontram materialmente no território, mas existem na subjetividade, na oralidade e no pertencimento de pessoas racializadas e periféricas. Inspirados pela etnoficção de Jean Rouch, pela fabulação crítica de Saidiya Hartman (2021) e pela escrevivência de Conceição Evaristo (2006), afirmamos a potência de uma antropologia feita em coletivo, enraizada em corpos, memórias e imagens insurgentes, na qual fabular é recusar que a ausência de materialidade limite a possibilidade de compartilhar outras histórias.

Palavras-chave: Etnofabulação; Antropologia Audiovisual; Escrita coletiva; Coletivos

1 - Introdução

¹ Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC).

Contato: luzmariablet@gmail.com.

² Doutorando em Antropologia Social (PPGAS/UFSC). Contato: ebrazz@icloud.com.

³ Mestrando em Antropologia Social (PPGAS/UFSC). Contato: jv@ifsc.edu.br.

Pensar e fazer antropologia em coletivo implica deslocar os modos tradicionais de produção do conhecimento, historicamente pelo individualismo, pela separação entre sujeito e objeto, e por uma pretensa objetividade científica que, como bem nos lembra Donna Haraway (1995) é uma ficção, produzida por uma perspectiva particular, geralmente branca, ocidental e masculina. Ao contrário, reconhecer o fazer coletivo na antropologia, como prática situada e relacional, é assumir que todo o conhecimento é produzido a partir de corpos com histórias e realidades específicas.

Em contextos marcados por desigualdades raciais, de gênero e de classe, propor uma antropologia compartilhada é também um gesto político que questiona a universalidade dessa objetividade e reivindica outros modos de produzir conhecimento, mais implicados e afetivos. É neste cenário que é criado o Coletivo Panelinha Audiovisual, em 2023, como uma proposta de experimentação epistemológica, estética e política. Formado por estudantes vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC). O coletivo se dedica a práticas colaborativas de pesquisa e criação no campo da antropologia visual, explorando o *fazer junto* como forma de pensar e narrar a partir de corpos, histórias e experiências situadas.

O coletivo nasce com o intuito de tensionar fronteiras entre arte e ciência, texto e imagem, corpo e teoria. Sua atuação parte da compreensão de que a antropologia visual não se reduz à técnica ou ao registro, mas constitui uma forma de produção de conhecimento. Nesse sentido, a fotografia e o audiovisual são compreendidos como campos de fabulação e experimentação, reconfigurando a experiência etnográfica a partir de gestos criativos e compartilhados. Inspirados pelas noções de escrevivência (Evaristo, 2006), fabulação crítica (Hartman, 2021) e etnoficção de Jean Rouch, propomos o conceito de etnofabulação como modo de produzir pensamento a partir das imagens, fabular nas lacunas, ausências e silenciamentos, reinscrevendo no campo da antropologia vozes, corpos e memórias historicamente marginalizados.

A experiência do Coletivo Panelinha Audiovisual articula-se, assim, como uma prática de *fazer junto*, em que escrita e imagem se constroem de forma colaborativa, por meio de experimentações performáticas, filmicas e visuais. Neste artigo, apresentamos a trajetória do coletivo desde sua formação, em 2023, destacando dois de nossos trabalhos

vinculados a pesquisas na antropologia, os processos criativos do curta “É preciso aprender a voltar pra casa” (2024) e a construção da mandala e do filme “Fazer Ver Junto” (ainda em processo). A partir dessas experiências, discutimos como a prática coletiva e a antropologia visual se entrelaçam na criação de metodologias compartilhadas e na invenção de modos de fabular o mundo, propondo outras formas de produzir conhecimento.

2 – O Coletivo Panelinha Audiovisual

O Coletivo Panelinha Audiovisual surgiu em 2023, a partir da união de estudantes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC (PPGAS/UFSC). Além do interesse comum pela antropologia audiovisual, todos compartilhavam experiências prévias em cinema, fotografia e outras formas de expressão visual.

Naquele ano, Luz Mariana Blet — doutoranda do PPGAS/UFSC, estudante de Cinema, publicitária, fotógrafa e atuante no audiovisual independente —, Éder Braz — mestrando do PPGAS/UFSC, publicitário e realizador audiovisual —, Sergio de Almeida Machado — mestrando do PPGAS/UFSC e cineasta — e Jeferson Vieira — produtor multimídia, realizador audiovisual e artista visual, que na época se preparava para ingressar no mestrado do PPGAS/UFSC — reuniram-se em torno da produção de uma Mostra Fotográfica e Audiovisual nas Jornadas Antropológicas, evento organizado pelos discentes do programa.

A parceria nesse processo, somada às reflexões sobre antropologia visual e aos desafios de fortalecer esse campo dentro da instituição, que, embora possua um núcleo historicamente relevantes na área, na atualidade, aparenta estar inativo ou sem atividades acessíveis aos estudantes, levou o grupo a se reconhecer, gradualmente, como um coletivo.

O nome Panelinha Audiovisual nasce de uma brincadeira com a ideia de “panelinha” como grupo fechado, ressignificando-a de forma positiva. A panela é vista como lugar de preparo e transformação: onde a matéria-prima se converte em alimento, e este, inspirados pelas epistemologias de matriz africana, é também um símbolo da

coletividade, da ancestralidade e da resistência cultural. A metáfora remete também à produção de conhecimento e criatividade, rompendo com lógicas individualizantes e competitivas da academia, e propondo um trabalho coletivo em que as pesquisas, ao entrarem nessa panela, deixam de ser de apenas um indivíduo mas passam a ser também de todo o coletivo.

O coletivo tem se constituído como um espaço de reflexão teórica e de posicionamento político, mas também como um lugar de afeto e acolhimento. Em diálogo com Beatriz Nascimento, como uma forma de aquilombamento. A partir dessa formação inicial, outras pessoas passaram a integrar o grupo, movidas tanto por afinidades teóricas quanto pelos laços afetivos. Nesse processo, em 2025, juntaram-se ao coletivo Naju Pereira, mestrande no PPGAS/UFSC e jornalista, e Aruanã Amaral, doutorando no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC, músico e arte-educador.

O Coletivo Panelinha Audiovisual, ainda que não esteja vinculado diretamente a um território periférico específico, pode ser compreendido como periférico dentro do espaço acadêmico. Constituído por pessoas pretas, mulheres, mães e LGBTQIA+, o coletivo reivindica a universidade como um território possível de habitar, subvertendo a lógica de um espaço historicamente excludente para esses corpos. Nesse movimento, não apenas questiona os limites da produção acadêmica tradicional, mas também afirma um modo de fazer ciência que é epistemológico, estético e político, sustentado em perspectivas situadas, como propõe Donna Haraway (1995). Ao integrar arte e ciência, forma e conteúdo, o coletivo busca criar um espaço de experimentação onde as pesquisas individuais se entrelaçam, os materiais em processo são compartilhados e novas metodologias coletivas são testadas.

3 - É preciso Aprender a Voltar Pra Casa

Em nosso primeiro trabalho enquanto Coletivo Panelinha Audiovisual, produzimos o curta-metragem *É preciso aprender a voltar para casa* (2024). A obra nasce a partir da pesquisa etnográfica de Éder Braz (2025), homem negro, nascido em Caxias do Sul (RS), cuja dissertação de mestrado intitulada “Trajetórias de famílias

negras da cidade de Caxias do Sul: encontros a partir de fotografias de acervo e objetos de afeto” fundamenta a proposta. Inspirado na sabedoria do quilombola Antônio Bispo dos Santos, *Nego Bispo*, para quem o caminho de volta para casa é sempre um novo aprendizado, o curta articula performance, corpo e imagem como estratégias de fabulação de memórias visuais enterradas, tensionando as possibilidades de narrar experiências afro-diaspóricas, individuais e, sobretudo, coletivas, em sintonia com a noção de *escrevivência* de Conceição Evaristo (2006).

A proposta dialoga com a etnoficção de Jean Rouch, que tensiona fronteiras entre antropologia e cinema, etnografia e ficção, como aponta Fieschi (2009), e com a fabulação crítica de Saidiya Hartman (2021), proposta como método para recompor, a partir das lacunas e violências dos arquivos do Atlântico Negro, narrativas que reinventam passado, presente e futuro das humanidades historicamente silenciadas. A partir dessas referências, propomos a ideia de etnofabulação, entendida como caminho possível para fabular imagens e histórias ausentes nas narrativas oficiais e na materialidade, mas presentes na subjetividade, na oralidade e no pertencimento de pessoas racializadas e periféricas. Fabular, nesse sentido, é recusar que a ausência de materialidade limite a partilha de histórias, instituindo um exercício de busca identitária e de inscrição do corpo negro na antropologia não como objeto, mas como sujeito de suas próprias narrativas.

Em um contexto acadêmico de maioria subalternizada, essa produção constitui um ato estético e político. Como lembra Rancière (2009), a política emerge quando aqueles antes excluídos e invisibilizados afirmam sua participação nos espaços dos quais eram marginalizados. Na perspectiva de Suely Rolnik (2018), reconhecemos que a potência política da arte não se reduz a um engajamento panfletário, mas se manifesta no próprio processo de criação de um comum, na mobilização de afetos e na geração de novas conexões e subjetividades.



Figura 1 - É preciso aprender a voltar pra casa (2024)

3.1 - Processo de criação do filme

A ideia do curta surgiu quando Éder Braz compartilhou com o coletivo seu desejo de criar um filme ou performance vinculada à sua pesquisa. Naquele momento, todos os integrantes cursavam a disciplina Antropologia e Performance, ministrada pelo professor Scott Head. O interesse em realizar uma performance que dialogasse com a pesquisa foi então abraçado pelo grupo e transformado em filme. Em sala de aula, uma primeira experimentação performática permitiu testar imagens, gestos e narrativas que dariam corpo à ideia do filme.

O roteiro foi construído coletivamente, a partir da discussão dessa performance inicial. Nesse processo, utilizamos não apenas referenciais da antropologia, mas também as experiências e saberes profissionais que cada integrante trazia de trajetórias anteriores, tais como a publicidade, o cinema e a produção multimídia. Diferentemente das formas de escrita e autoria mais individualizadas da academia, esse modo de criação coletiva se aproxima das dinâmicas de trabalho das equipes criativas, em que ideias são elaboradas de maneira colaborativa, como ocorre em reuniões de concepção publicitária ou de desenvolvimento audiovisual.

A filmagem ocorreu em uma tarde ensolarada, no bosque localizado atrás do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH/UFSC). Com equipamentos pessoais, roupas, acessórios e objetos reunidos pelo grupo, construiu-se o figurino do personagem Bituca, nomeado por Éder.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Descalço, Bituca veste um traje marcado por histórias e ancestralidade. Durante sua caminhada, sons da natureza entrelaçam-se ao toque de tambor, berimbau e ladainhas, evocando uma busca que o conduz à terra, lugar de memória e identidade negra.

Inspirados pela perspectiva de Leda Maria Martins (2003), que compreende o corpo e a voz como lugares de inscrição e atualização da memória, construímos o caminhar de Bituca como gesto que reinscreve saberes, convoca temporalidades afrodiaspóricas e atualiza uma consciência coletiva. O contato com a terra, os pés descalços e a escuta dos sons que o acompanham foram pensados como práticas de memória viva, nas quais o corpo em movimento se transforma em território de lembrança e ancestralidade.

À beira de um riacho, Bituca cava o solo com as mãos e desenterra fotografias que emergem como rastros de outras temporalidades: retratos 3x4, intercalados com fotografias de memórias de amigos, famílias e presenças negras. Como propõe Tina Campt (2017), ao escutar essas imagens do cotidiano, percebemos vibrações silenciadas dessas vidas de famílias negras, que moldaram Caxias do Sul para além das narrativas oficiais. As imagens são recolhidas em uma peneira de palha e carregadas por Bituca como uma oferenda, como um vestígio de outras futuridades possíveis.

Seguindo o curso do rio, Bituca encontra, entre as folhas de uma árvore, um *abebê* de Oxum, espelho que reflete passado e presente vivos. Ao encarar o próprio reflexo sem máscara, a sonoridade ritual dá lugar ao *dub*, gênero musical que conecta tradição e afrofuturismo. A cena final mostra Bituca deixando a máscara sobre uma pedra no riacho, gesto que, ao lado da água em movimento, anuncia ancestralidade e continuidade, sinalizando a abertura de um novo tempo.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ



Figura 2 - Making of do filme

4 – O coletivo como prática e objeto de pesquisa

Luz Mariana Blet, em sua pesquisa de doutorado, aborda a atuação de coletivos de audiovisual de diferentes territórios periféricos da América Latina investigando, não apenas a performance e as produções artísticas e culturais, mas também, buscando compreender o coletivo antropológicamente como fenômeno que se constrói e é construído pelos sujeitos.

Nesse contexto, durante o doutorado em Antropologia, ocorre a formação do Coletivo Panelinha Audiovisual. Inicialmente, sua criação não foi pensada como parte da pesquisa; aos poucos, no entanto, a pesquisadora passou a compreender o coletivo em seu caráter periférico no contexto acadêmico, levando a considerá-lo não apenas como prática na academia, mas também como objeto de reflexão teórica de sua pesquisa.

Em 2024, Luz realizou parte de sua pesquisa etnográfica em Medellín, Colômbia, acompanhada de seu filho Miguel, de quatro anos. Na etapa de campo, acompanhou a atuação de coletivos de audiovisual em territórios periféricos e disponibilizou uma câmera fotográfica para o filho, permitindo sua participação ativa na investigação. As imagens produzidas por Luz, por Miguel e pelos coletivos, que também registraram a presença de ambos, serviram de base para a criação de um produto visual, do qual outros integrantes do coletivo Panelinha Audiovisual também participaram.

4.1 – A Mandala como etnofabulação do fazer coletivo

No contexto desta pesquisa etnográfica compartilhada, o exercício visual de invenção e tradução que não se limita a representar a realidade observada, mas que a reinventa em diálogo com os sujeitos envolvidos no campo, está alinhado a nossa proposta de etnofabulação. Nesse sentido, a criação de uma Mandala articulando

olhares, gestos e narrativas, emerge como síntese desse processo de composição coletiva.

Como discorre Luz Mariana Blet (2025), ao experimentar a montagem de uma Mandala em tecido, composta por colagens, costuras, bordados e fotografias, o trabalho de produção visual não foi apenas uma criação estética, mas também, uma prática coletiva de fabular sentidos sobre o que foi vivido.

A inspiração na figura da Mandala surgiu da própria observação em campo, em que comunidades periféricas, muitas vezes marcadas por ancestralidades indígenas e memórias de deslocamentos forçados do ambiente rural para o urbano, organizavam Mandalas em seus encontros comunitários, como forma de articular identidade, memória e resistência.



Figura 3 - Foto de Mandala observada em campo

Com base nesta referência visual, as fotografias se tornaram matéria prima para compor um produto que contém o trabalho manual coletivo. Ao cortar, costurar, colar, bordar, cada pessoa imprime sua marca, reafirmando a dimensão compartilhada do processo. Estas imagens foram dispostas em uma estrutura circular, que se conectam, por meio da costura, em diferentes pontos, evoca um tempo espiralar (Martins, 2021),

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

articulando territórios, pessoas e objetos em uma temporalidade que entrelaça passado e presente e fabula sentidos possíveis.



Figura 4 – Sequência de imagens da construção coletiva da Mandala

Os sentidos mobilizados por essa composição, acompanham o percurso da pesquisadora e seu filho em campo: a chegada ao território, materializada pelo gesto de pintar os pés com barro e marcar o tecido; o reconhecimento deste espaço, observando suas paisagens, arquitetura e habitantes; a aproximação a estas pessoas, conhecendo de

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

perto suas feições, hábitos, sonhos e memórias; a inserção no trabalho coletivo, percebido das mais diversas formas, seja nas cozinhas comunitárias das mulheres das grandes panelas, nos jogos de futebol das crianças nos campinhos do bairro; nas construções e mutirões comunitárias; ou no trabalho de registro e memória realizado pelos coletivos de audiovisual.

Ao aproximar-se do centro da Mandala, podemos ver um olho humano, emoldurado por um bordado em forma de câmera fotográfica, que traz o nome dos coletivos audiovisuais envolvidos neste processo: O Señales de Humo e El Lente, interlocutores da pesquisa em Medellín, e o Coletivo Panelinha Audiovisual.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

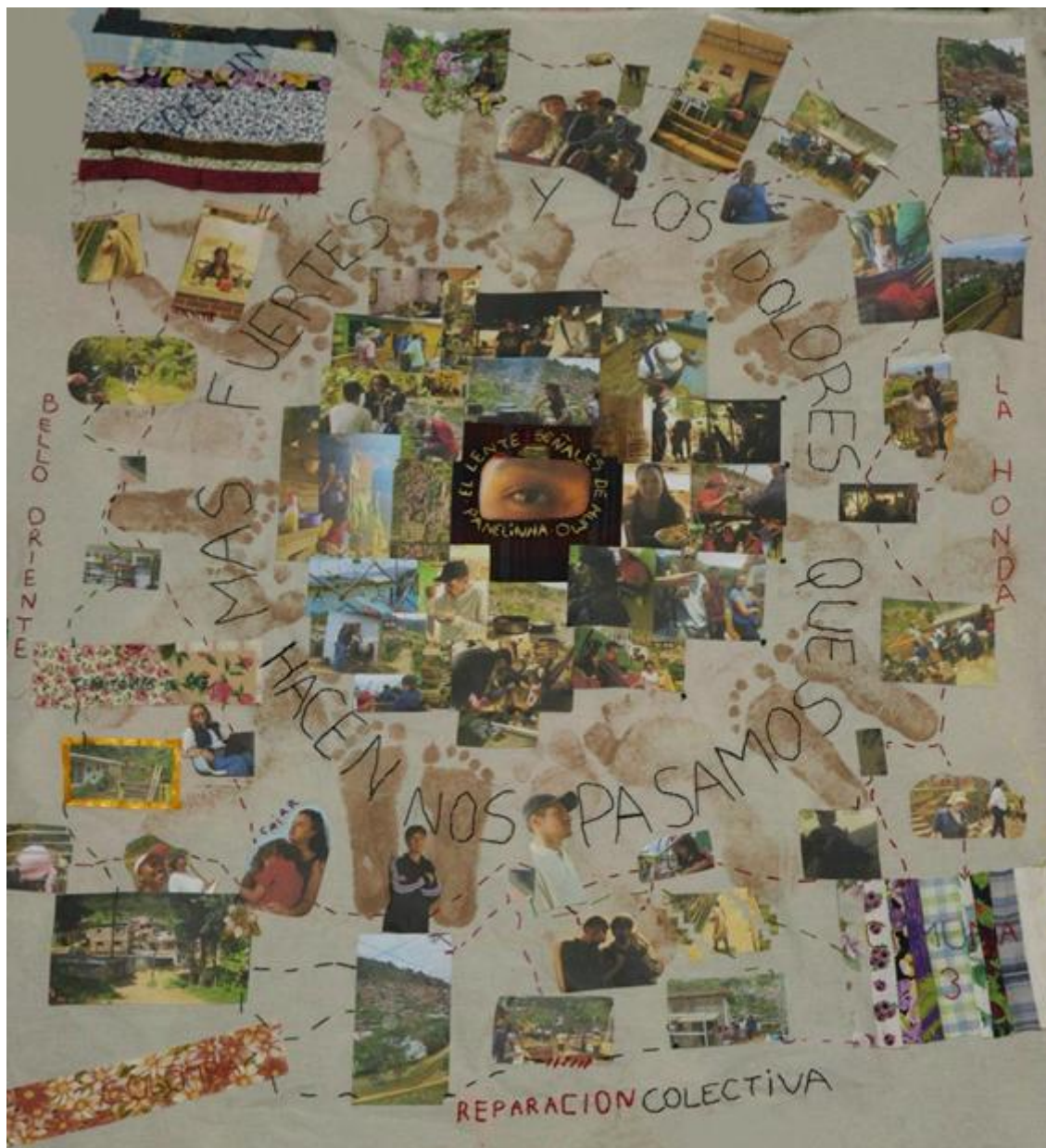


Figura 5 - Foto da Mandala em tecido

Essa Mandala também organiza a estrutura do roteiro do filme, que ainda está em processo de construção junto ao Coletivo Panelinha Audiovisual, mas que até o momento leva o nome “Fazer Ver Junto”, uma narrativa que se constrói em movimento espiralar, feita de aproximações e afastamentos do centro, revelando novas camadas de imagens e sentidos a cada retorno. Dialogando com Édouard Glissant (1990) e sua

defesa da opacidade e da não linearidade, buscamos criar por sobreposições entre som e imagem, produzindo desvios e deslocamentos, evitando uma narrativa didática.

Imagens de pés, muitas captadas por Miguel, funcionam como metáfora desse caminhar e do próprio ato de pisar o território, compondo um jogo de fragmentos visuais que evocam aquilo que Deleuze (1987 apud Rancière, 2001) descreve como “blocos de movimento-duração”.

Esses fragmentos de fotografias e vídeos feitos em campo, são conectados pelas nossas mãos que os manipulam, cortando, colando e costurando pedaços de tecido, papel e imagens. As cenas que registram esse ato de montagem reforçam a dimensão manual e coletiva da narrativa, uma escolha estética inspirada em obras como a da artista visual Rosana Paulino, para quem a costura é uma sutura visível, um gesto de cura e reconstrução (LOPES, 2018).

O trabalho manual, nesse sentido, não é apenas técnica, mas metáfora do fazer antropológico: como lembra Benjamin (1987), o narrador artesão imprime sua marca na argila do vaso. O recorte, a colagem e o bordado das imagens não apenas estruturam a narrativa visual do filme, mas também contam a experiência vivida em campo como uma prática compartilhada. A Mandala, nesse processo, se desdobra em camadas: inicia pela chegada no território, com o pisar, as pegadas, as paisagens, passa pelo encontro com as pessoas e seus gestos cotidianos, e alcança o registro dos trabalhos coletivos. Os objetos de trabalho, como painéis, câmeras, enxadas, aparecem como símbolos de um fazer comum que envolve cozinhar, registrar, construir. E desse fazer emergem os frutos: as construções prontas, a comida compartilhada, as imagens publicadas pelos coletivos, os jogos no campinho como expressão de coletividade.

A cada transição, nossa presença em campo e os nossos corpos no trabalho manual de produção da Mandala se fazem notar reafirmando o fazer coletivo como fio condutor.

Na mesma direção da Mandala em tecido, o eixo do filme também converge para a imagem do olho. No entanto, o audiovisual nos permite ir além do que é visível na fotografia impressa. Por meio de um movimento de zoom out, em que a lente se afasta e amplia o campo de visão, partimos de um primeiríssimo plano do interior do olho, onde aparece a imagem de Emerson, do coletivo El Lente, fotografando o olho do amigo

Breiner, seu colega de coletivo. No reflexo da íris, vemos Emerson com sua câmera, registrando o instante. Trata-se do ato de fotografar projetado dentro do próprio olho fotografado, um “olho-câmera” que não representa apenas a visão de um indivíduo, mas revela o gesto coletivo de ver e criar juntos.

5 - Considerações finais

Ao narrarmos nossa trajetória, reafirmamos que este artigo é, em si, um fruto do fazer coletivo que descrevemos. Nele, buscamos costurar as reflexões que emergem da prática do Coletivo Panelinha Audiovisual. Nosso fazer antropológico se consolida justamente no gesto de tensionar os modos tradicionais da disciplina, propondo em seu lugar uma antropologia compartilhada que é, antes de tudo, um posicionamento político. Habitamos a universidade como um território a ser subvertido, um aquilombamento onde afeto, teoria e prática visual se entrelaçam para questionar: quem pode produzir conhecimento? De que lugares e com quais corpos? Como fabular, a partir das lacunas, memórias e afetos, outros mundos possíveis?

Nossa aposta na antropologia visual como campo de fabulação vem se mostrando possível nas nossas produções. Nos processos do curta “É preciso aprender a voltar pra casa” e da mandala “Fazer Ver Junto”, a etnofabulação vai se construindo como um método criativo para lidar com as ausências e silenciamentos dos arquivos. Ela nos permite operar um deslocamento fundamental para o coletivo: o corpo negro e periférico deixa de ser objeto de análise para se tornar sujeito narrante de sua própria história.

Essa prática se expande e ganha força em nossas parcerias e colaborações, que se tornaram um eixo vital de atuação e permanência na universidade. Além das produções ligadas às nossas pesquisas etnográficas, o coletivo também atua conjuntamente com outros projetos que compartilham de visões semelhantes sobre a produção de conhecimento, a luta antirracista e o papel das imagens nessas construções. Aqui, destacamos a parceria com projeto de pesquisa e extensão Ebó Epistêmico, coordenado pelas professoras Flavia Medeiros, Alexandra Alencar (PPGAS-UFSC) e Thainá Castro (Museologia-UFSC) e suas ramificações: o evento Fazendo Cruzos com

Antropologias, Artes e Museologias e Projeto “Ebó epistêmico nas escolas”. Nesta colaboração, nos dedicamos ao registro audiovisual crítico, a fim de produzir não só um registro das ações, mas um material audiovisual crítico e engajado nessa perspectiva antirracista.

Iniciativas como estas nos permitem fortalecer, para além dos muros da universidade, o compromisso de produzir imagens engajadas, apoiar políticas afirmativas e reafirmar a importância da coletividade na construção de uma antropologia coletiva e engajada.

Referências:

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 165–196.

BLET, Luz Mariana. Em campo com meu filho: fotografia e experimentações em uma etnografia compartilhada. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, XV, 2025, Salvador. Anais Eletrônicos. Salvador: RAM, 2025. Disponível em: <https://www.ram2025.sinteseeventos.com.br/trabalho/view?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJJRF9UUkFCQUxIT1wiOlwiMjMwMFwifSIsImgiOiJIMWM3MWUyNTA2MzEwYzNINDY0ZTc1MDRjNDE5MGE4MiJ9>.

BRAZ, Éder dos Santos. Trajetórias de famílias negras da cidade de Caxias do Sul: encontros a partir de fotografias de acervo e objetos de afeto. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2025.

CAMPT, Tina M. Listening to images. NC: Duke University Press, 2017.

É PRECISO APRENDER A VOLTAR PRA CASA. Panelinha Audiovisual, Florianópolis, 2024. Disponível em: https://youtu.be/fGv3EFBrPyU?si=tKD-6_PkyTe_aVSX

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FIESCHI, Jean-André. Derivas da ficção: notas sobre o cinema de Jean Rouch. *Devires – Cinema e Humanidades*, v. 7, n. 2, p. 12–29, 2009.

GLISSANT, Édouard. Poética da relação. Tradução de Marcela Vieira e Eduardo Jorge de Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7–41, 1995.

LOPES, Fabiana, 2018. “Rosana Paulino: o tempo do fazer e a prática do compartilhar”. In: Rosana Paulino : a costura da memória. Curadoria Valéria Piccoli, Pedro Nery ; textos Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua, Fabiana Lopes, Adriana Dolci Palma. São Paulo : Pinacoteca de São Paulo, p. 163-181.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. In: BARZAGUI, Clara et al. (org.). *Pensamento negro radical: antologia de ensaios*. São Paulo: Edições Crocodilo, 2021.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, n. 26, p. 63–81, 2003.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. SP: Instituto Kuanza, 2006, p. 117-125.

OLIVEIRA, R. C. de. (1996). O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista De Antropologia*, 39(1), 13-37. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111579>

RANCIÈRE, Jacques. A estética como política. *Devires – Cinema e Humanidades*, v. 7, n. 2, p. 14–36, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. De uma imagem à outra? Deleuze e as eras do cinema. Tradução de Luiz Felipe G. Soares. In: __. *La fable cinématographique*. Paris: Le Seuil, 2001.

ROLNIK, Suely. O inconsciente colonial-capitalístico. In: __. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 21–97.